

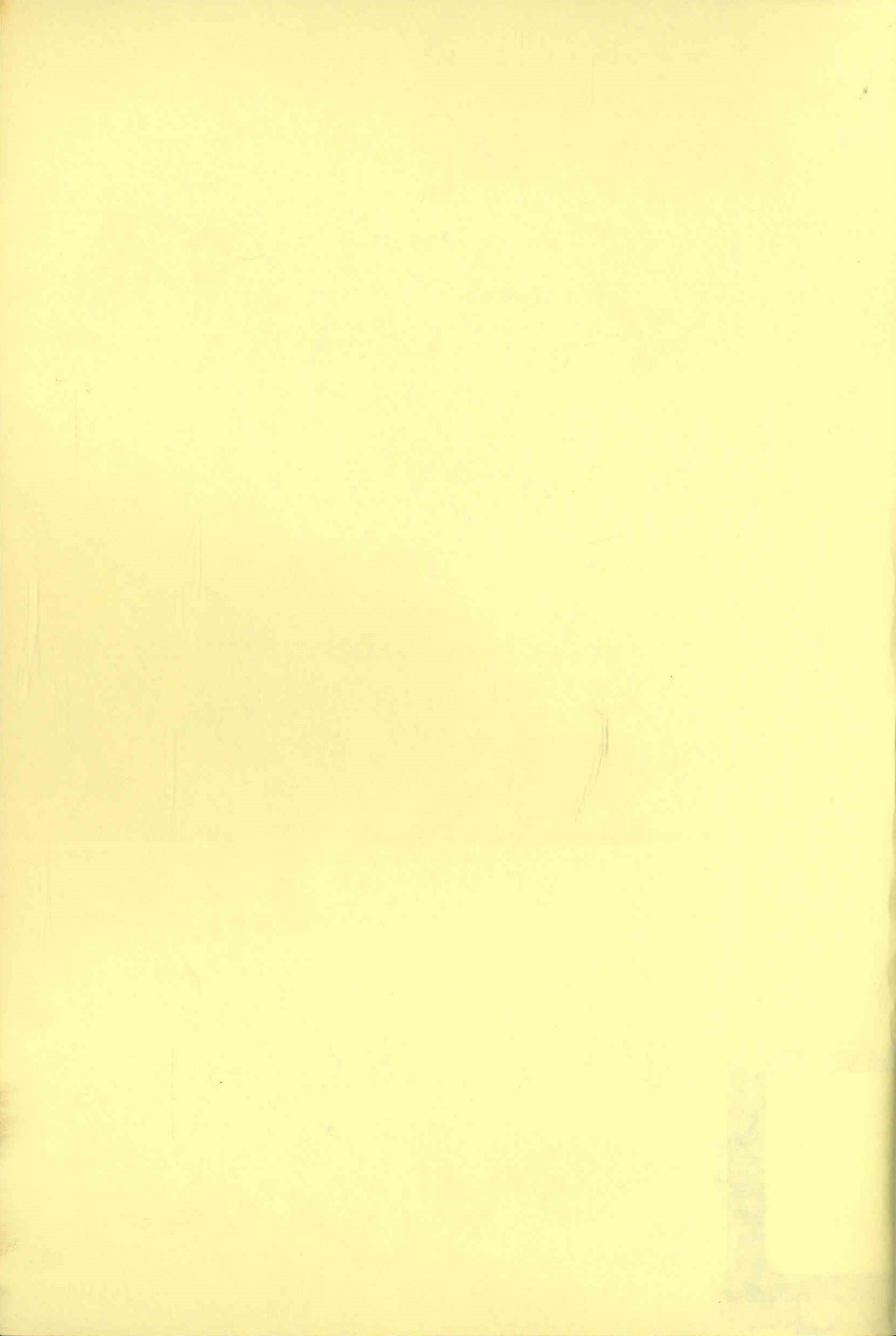
RR

ROSA RAMALHO



B)
38.3Ramalho,Rosa
IAS

TEMAS BARCELENSES
CADERNO 2
FEVEREIRO 1988



ROSA RAMALHO

Nome: Rosa Barbosa Lopes

Data do nascimento: 14 de Agosto de 1888

Data do falecimento: 24 de Setembro de 1977

Natural do lugar da Cova, Galegos S. Martinho, Barcelos

Morreu em Galegos S. Martinho, com 89 anos

Teve 8 filhos, 16 netos e 42 bisnetos





Rosa Ramalho, de seu verdadeiro nome Rosa Barbosa Lopes, era filha de um modesto sapateiro.

Sua avó, sempre que necessitava sair, recomendavava a seu filho, criança que viria a ser pai de Rosa Ramalho: "não saias de aqui ! põe-te à sombra dos ramalhos !" - querendo assim dizer que se entretivesse à sombra de umas árvores que havia perto. Neste facto teve origem a alcunha que a sra. Rosa veio a usar, como do seu próprio nome se tratasse.

Só depois dos 70 anos aprendeu a escrever os dois RR com que assinava os seus bonecos, pois nunca frequentou a escola.

A esse propósito o pintor Jaime Isidoro escreveu: "Um dia, levei lá amiga minha que vivia em Londres, a Maria Leonor que tinha traduzido, entre outros livros, o "Exodus" do Leon Uris. Comprou duas ou três cerâmicas e manifestou o desejo de que a Rosa Ramalho assinasse. Rosa Ramalho chamou o neto - "Olha, faz aí o meu nome". Eu, então, desenhei RR num papel e disse-lhe que isso bastava. Ela achou graça ao RR e afirmou: "Pois então, vou pôr isto em todos os bonecos". Foi assim, deste encontro, em 1958, que nasceram as peças assinadas da Rosa Ramalho."

Tendo-se iniciado no trabalho do barro aos 7 anos de idade, começou por fazer "tiras para cestas". Dada a sua notória habili-dade, e pretendendo imitar umas ciganas que faziam cestas de vime, logo fez uma de barro.

Esta teria sido a sua primeira obra.

Casou-se aos 18 anos com o moleiro António Mota, na igreja de Manhente, abandonando nessa altura o barro, para, durante cinquenta anos, conduzir o burro que, carregado de sacos de farinha, transportava da azenha junto ao Cávado as "fornadas" dos clientes.

Enviuvou em Junho de 1956, e, para "ganhar a vida", voltou ao barro, frequentando as feiras e romarias, como a da Senhora da Hora, do Senhor de Matosinhos, do S. João das Fontainhas, etc.

Nessa altura é descoberta por elementos da Escola Superior de Belas Artes do Porto, e logo surge a sua primeira exposição, em Dezembro de 1958, na Academia Alvarez, no Porto.

Na origem da celebridade de Rosa Ramalho encontra-se o pintor António Quadros, que se entusiasma com os seus bonecos.

Mais tarde, Francisco de Avilez e Fernando Abranches acari-nharam-na, oferecendo-lhe um pavilhão especial, quer na Feira de Artesanato de Cascais, quer no Mercado de Abril em Belem.

"Imaginativa, de transbordante fantasia e de uma criatividade surrealizante, Rosa Ramalho põe em causa a palavra ARTESANATO", segundo Jaime Isidoro, que continua: "Dentro da sua humildade, havia grandeza, quase alucinante, expressa no barro que as suas mãos modelavam. Os seus lobisomens, diabos, feiticeiros, as suas rainhas eram um mistério insondável - simbolista e surrealista ao mesmo tempo."

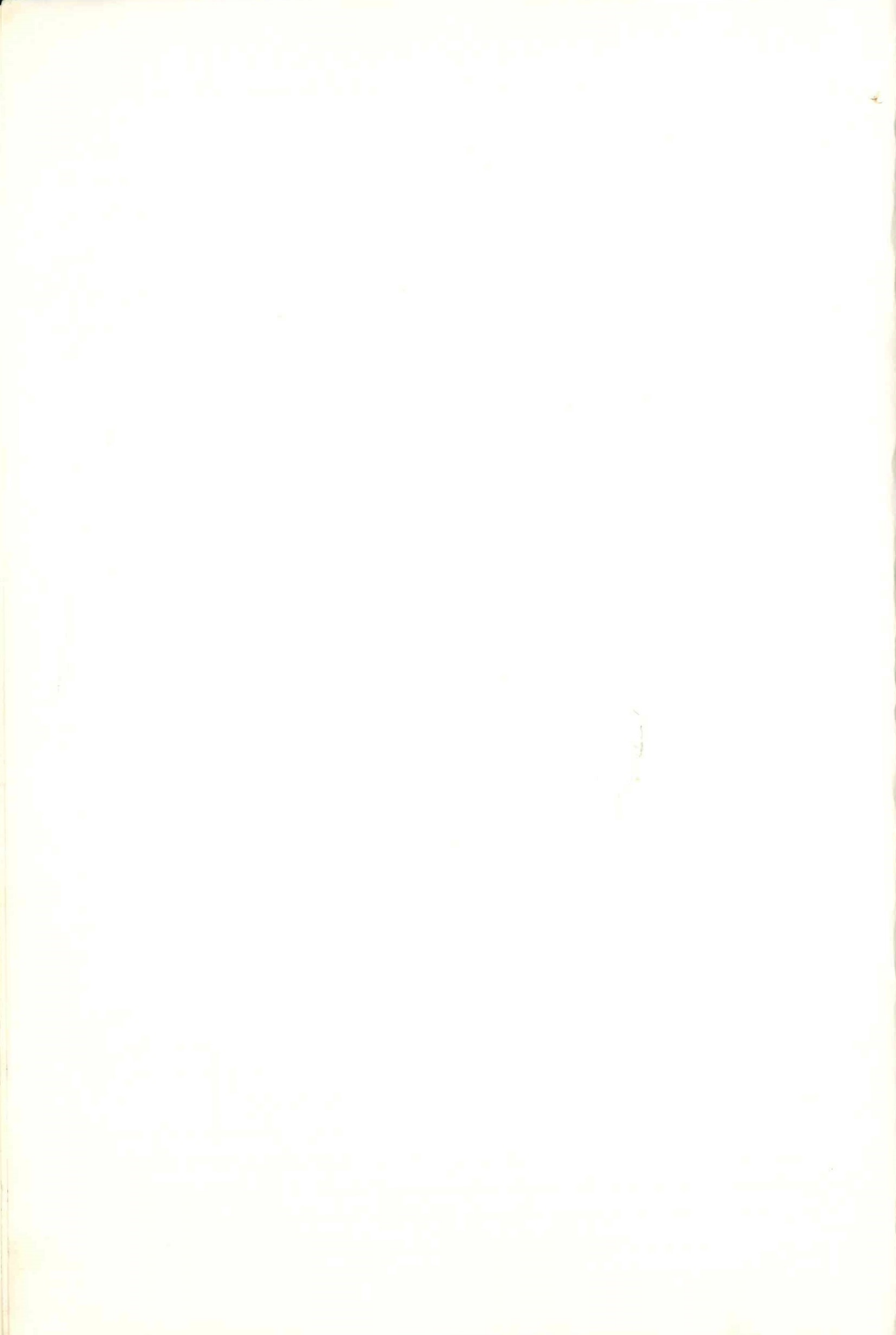
Ernesto de Sousa, em 1964, escrevia: "Aviso: com os seus setenta, é a mulher mais bela de Portugal. Inteligência superior, embora não saiba ler, nem escrever. E não se atrapalha com qualquer de nós, ou com a sua sabedoria.

"Como se diz nas conferências académicas: A Rosa Ramalho já nem precisa de apresentação. A fantasmagoria da sua arte é já bastante conhecida."

Mário de Oliveira, em 30 de Setembro de 1977, em Artes e Letras de "O País" escreveu: "Se a improvisação é efectivamente uma das características do conceito romântico da arte popular, Rosa Ramalho tinha essa improvisação, conquistando em cada obra essa essência instintiva da criação artística. As suas obras se podem chamar formas de "poesia natural" por serem manifestações puras e espontâneas, que saíam do barro com a mesma alegria e ternura do crescer das flores ou do cantar dos pássaros que a rodeavam.

"Um dia numa das minhas idas ao Brasil, encontrando-me em Cachoeira - Baía - uma das terras brasileiras que possui um dos mais notáveis conjuntos de arquitectura colonial, fui surpreendido numa das suas igrejas com um Cristo de Rosa Ramalho.

"Todos os fiéis rezavam àquele Cristo com uma grande devoção. A minha curiosidade obrigou-me a perguntar a razão daquela atitude.



A resposta foi simples: -"Rezo a este Cristo Sihô porque parece mesmo gente."

E Mário de Oliveira continuava: "Rosa Ramalho criava, num profundo e acusado sentimento de solidariedade, onde a carência de ambição e vaidade imprimia à obra a função especial de emocionar as almas simples e nobres."

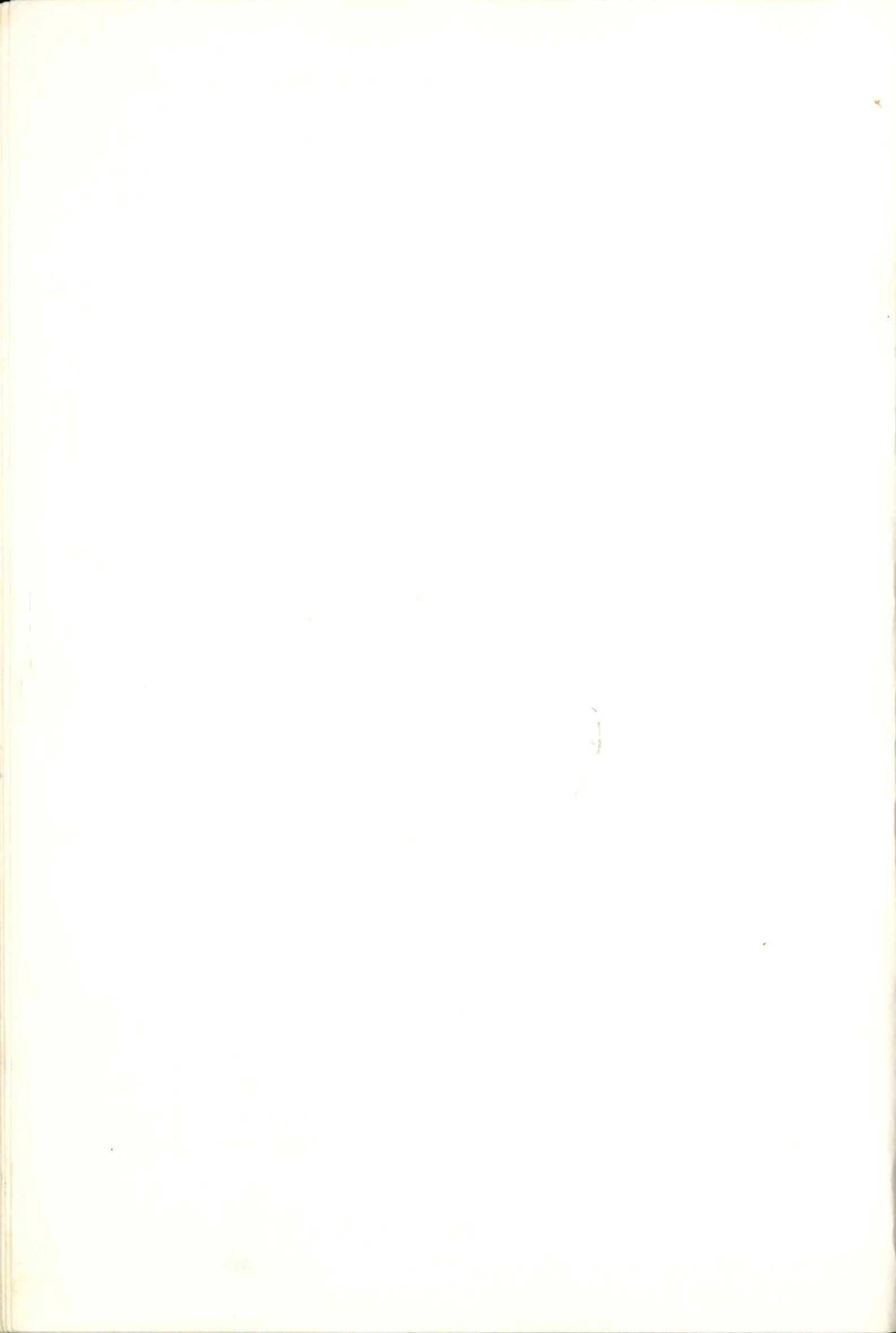
Jaime Ferreira, jornalista e crítico de arte escreveu: "A Arte e a Literatura são incompatíveis com a insensibilidade. Mas Rosa Ramalho sem literatura escrita, fazia-a nas figuras em barro. Mulher nascida no meio da pobreza e da modéstia, sem tempo para ir à escola, era tu-cá tu-lá com a sensibilidade no mundo da sua arte inventada e sem igual, às vezes de uma irreverência elegante, outras vezes forte e mordaz, com algum segredo, certo mistério e um espírito que teimava ser jovem para nos apresentar obra que parecesse - e fosse - de facto sempre nova."

Por sua vez, Ernesto Veiga de Oliveira, no catálogo da exposição de 1965, da Cooperativa Árvore, afirmou: "O paradoxo essencial e todos os equívocos da "arte popular" deram-se encontro de modo particularmente fecundo nesta mulher baixinha e veemente, que nunca leu um livro, mas personifica uma cultura e possui o dom dos símbolos com que desde sempre o homem procurou exprimir-se." Mais adiante: "o seu nome é também o nome que leva, de ora em diante, essa tradição prodigiosa de estatuária, cuja força originária se caldeou no seu génio próprio, e que é certamente a mais perturbante criação do nosso povo, em que o plástico toma a forma exacta do fantástico."

Conheci Rosa Ramalho. Passei muitas horas na sua humilde oficina, vendo nascer, das suas enrugadas mãos, peças maravilhosas. Acompanhei diversas equipas de televisão, cinema e rádio, alguns jornalistas nacionais e estrangeiros, e pude ajuizar da forma como a todos conquistava, fascinando-os.

De uma sagacidade invulgar, olhar vivo e penetrante, resposta pronta, era de uma simplicidade comovente. Simplicidade que, de forma alguma ofuscava, antes realçava, a sua viva inteligência. Era uma mulher singular...

Este ano em que se comemora o centenário do nascimento da nossa grande ceramista, estamos certos que as entidades competen-



tes comemorarão condignamente tal evento.

Que Barcelos saiba dizer OBRIGADO a quem tanto e tanto fez pela sua terra. E fê-lo com a dignidade que a sua arte imprimia às suas cerâmicas. E fê-lo com a grandeza com que o seu nome se projectou em todos os continentes, E fê-lo com a simplicidade que era seu apanágio.

Por mim, Rosa Ramalho, quero publicamente dizer-te, tão alto quanto me é possível, OBRIGADO.

C. B.

Janeiro de 1988





Ficha n.º _____

Registada sob o n.º 21-244

Figal

Conservatória do Registo Civil de Barcelos

CERTIDÃO DE NARRATIVA SIMPLES DE REGISTO DE NASCIMENTO

Para Fins de Previdência

Certifico que no livro de assentos de ~~nascimento~~ arquivado nesta Conservatória, referente ao ano de 1968, freguesia de Galegos (São Martinho), a folhas 44v, existe um

registo n.º 3, do qual consta que:

No dia atorze de Agosto de mil novecentos e oitocentos oitenta e oito, na freguesia de oito na freguesia de Galegos (São Martinho), do concelho de Barcelos

nasceu um indivíduo do sexo feminino, a quem foi posto o nome completo de Rosa

filho de Luis Lopes

e de Emilia Barbosa

Naturais de daf mesma freguesia de Galegos (São Martinho) e

Lijó, Barcelos

Por ser verdade, mandei passar a presente certidão, que foi conferida assinada e vai autenticada com o selo branco.

Conservatória do Registo Civil de Barcelos

21 de Maio de 1976

CONTA:

Emolumentos . . .	<u>58 00</u>
Artigo 32.º . . .	<u>70 89</u>
Selo . . .	<u>9</u>
Reembolso . . .	<u>23 50</u>
Art.º 287.º . . .	<u>8 15</u>
Total . . .	<u>169 54</u>
São <u>Recibos</u> Escudos	
e <u>169 54</u> centavos	

Renescilla
Renescilla

Modelo de D. G. R. P.
A Modelar—Amaral



O Primeiro de Janeiro

VIDA ARTÍSTICA

UMA CERAMISTA POPULAR EXPÕE, PELA PRIMEIRA VEZ, AOS 74 ANOS DE IDADE



Rosa Ramalho, no seu ambiente de trabalho

A exposição na Galeria Divulgação dos trabalhos de cerâmica de Rosa Ramalho veio revelar, a um público habituado a obras completas e estruturadas e, por vezes, a diletantismos de escola, uma artista de profundo cunho popular, sem outro lourel do que a sua intuição criadora. Rosa Ramalho—que é natural de S. Martinho de Galegos (Barcelos) e que durante quase uma vida inteira trabalhou na obscuridade, vendendo os seus trabalhos nas feiras e romarias nortenhas—torna-se, assim, conhecida aos 74 anos de idade.

Os motivos da sua cerâmica são simples e populares, filhados nas lendas aldeãs e na vida campesina, mas denotam um espírito criador e uma ex-

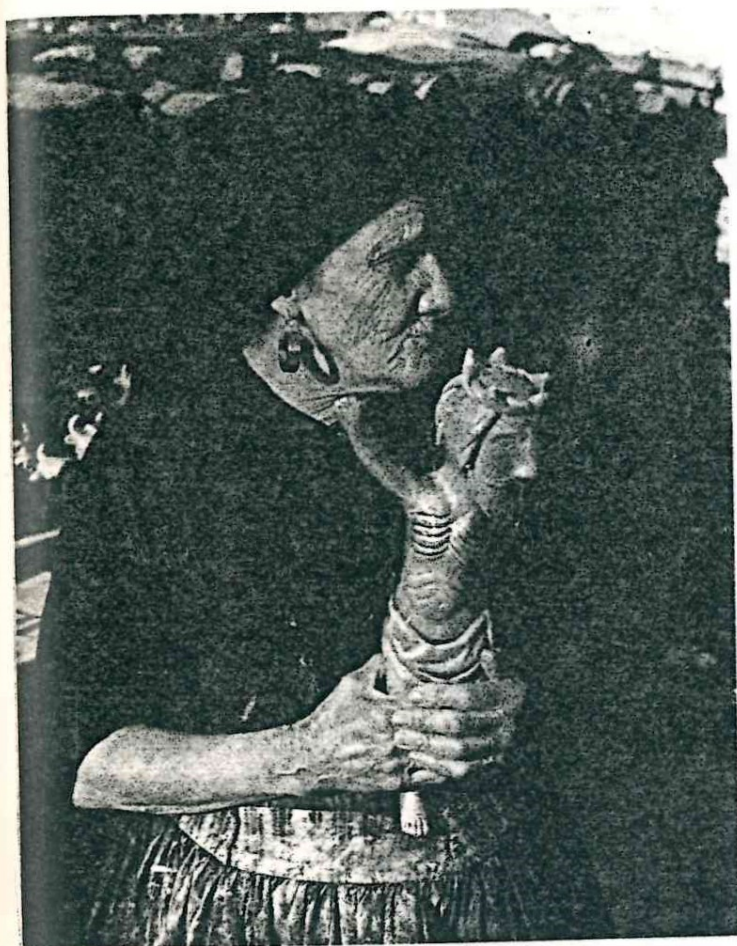
pressão própria—o que basta para revelar a artista.

O público assim o compreendeu, estando já adquiridos quase todos os trabalhos expostos. Merecem uma menção especial um Cristo negro, um S. Sebastião-lagarto e ainda duas peças com uma tonalidade bronzeada; que não sendo motivo preciso são, todavia, de uma expressão personalizada.

A exposição encontra-se aberta durante toda esta semana.

Recorte de "O Primeiro de Janeiro"









Rosa Ramalho com a neta Júlia
Rosa Ramalho com a neta Júlia
Rosa Ramalho, pintor Jaime Isidoro
e jornalista Jaime Ferreira em 1957

EXPOSIÇÃO DE ARTE POPULAR

ROSA RAMALHO

EXPÕE NA COOPERATIVA ÁRVORE

Rosa Ramalho é uma mulher do povo, de rosto enrugado e rude. Em cada ruga uma história, um sofrimento, a vida agitada de trabalho e de luta pelo pão diário.

Ti Rosa Galega, de Santa Maria de Galegos, onde nasceram tantas peças características de arte popular, como o regionalíssimo «Galo de Barcelos», que para tanta coisa tem servido...

Esta mulher, que no seu mister de fazer bonecos de barro, cria-os com novas formas, novas dimensões e sentimentos diferentes, é outra vez a artista-expositora das salas da Cooperativa Árvore. Com efeito, foi inaugurada a público, no passado dia 17 uma exposição dos seus trabalhos mais recentes, que, como se previa, foi bastante bem acolhida.

Saliente-se ainda o feliz catálogo que aquela Cooperativa editou, com um texto de bastante interesse de Ernesto Veiga de Oliveira. Desse trabalho, extraímos a seguir um apontamento que nos parece elucidativo sobre o que atingem os bonecos desta «velha-jovem» artista.

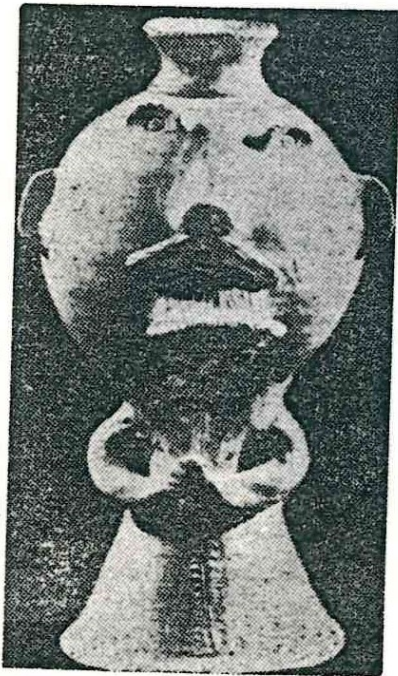
«No seu telheiro, sentada à banca de trabalho, dominando as gerações do seu matriarcado, que confusa visão conduzirá os seus dedos diligentes, que para lá da variedade inumerável do que deles sai, faz a sua tão sensível unida-



Rosa Ramalho

que olham: ironia e malícia, facécia que é pessimismo e troça, um sentido vivo do inverosímil da realidade — e principalmente, sempre, fundido no próprio humor, o instinto do mito, da metamorfose e da fábula, onde a burla ganha a dimensão, mágica ou inquietante que a anima. De novo estamos em Galegos. Esse humor prolixo e impenitente, essa voz de mito e fábula, são ainda a voz antiga daquela terra. Mas Rosa Ramalho agora acordou, e de novo deu vida a cada gesto. Por isso o seu nome é também o nome que leva, de ora em diante, essa tradição prodigiosa de estatuária, cuja força imaginária se caldeou no seu génio próprio, e que é certamente a mais perturbante criação do nosso povo, em que o plástico toma a forma exacta do fanstástico».

A exposição permanecerá aberta na «Árvore», à Rua Azevedo de Albuquerque, 1, Porto e pode ser visitada todos os dias úteis, das 17 às 19 horas e também às quartas e sextas-feiras, das 21.30 às 23 horas.



Boneco de Barro, de Rosa Ramalho
(Foto de Augusto Cabrita)

de? Desfilam ali, numa profusão pasmosa, os casos do dia, os entes imaginários, os personagens da rua e da sua experiência da comédia humana, os monstros, os bichos informes — todos eles extraídos afinal desse mundo que habita — que os seus olhos vêem nas coisas

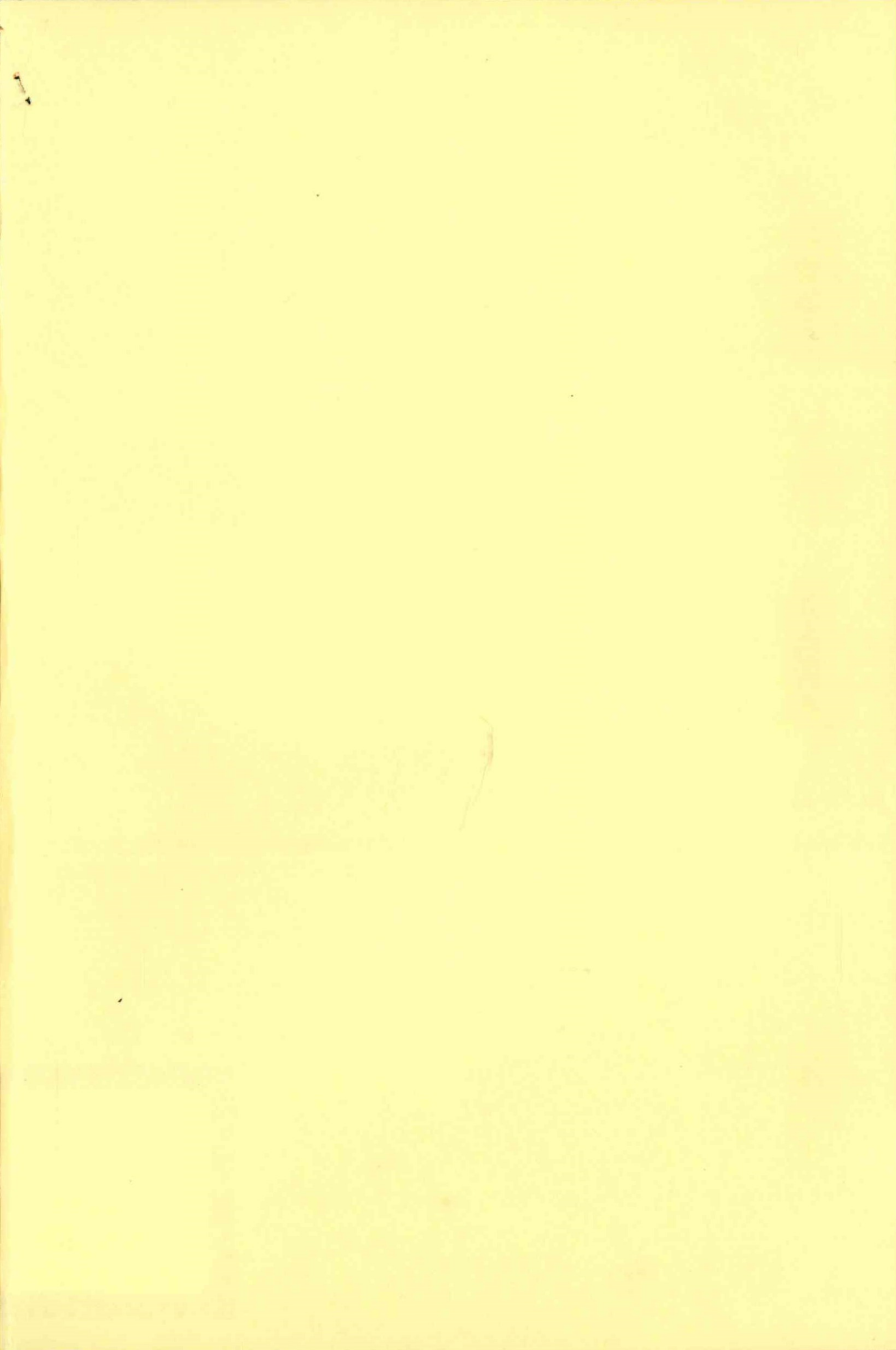


BARRISTAS E IMAGINÁRIOS



QUATRO ARTISTAS POPULARES DO NORTE

Realização das Secções Culturais das Associações de
Estudantes, com a colaboração da Livraria Divulgação
LISBOA • MAIO-JUNHO DE 1964



biblioteca
municipal
barcelos



16038

Rosa Ramalho